



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

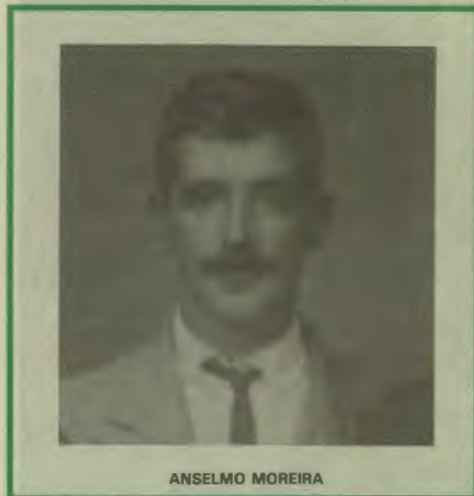
ANSELMO MOREIRA

Alguém deve ter dito que às vezes um só gesto define a pessoa. Certo é que nunca vimos esta expressão atribuída a alguém, mas a sua evidência é tão comezinha que pensamos estar perante uma frase pertencente ao imaginário colectivo. Faz parte da cultura universal e, assim, quem quer que seja, pode utilizá-la ou expressá-la a seu bel prazer.

Ora, desde pequenino, desde os tempos da escola, nós, a malta das Pedreiras, entrávamos pelo coreto dentro, imitávamos os músicos, jogávamos às escondidas, «gozávamos», se assim podemos dizer, uma coisas que era nossa, que nos dava orgulho pela sua elegância e porque nos arredores não havia outro igual. Estávamos naquela fase em que o que pertencia a Fão era o melhor ou a melhor coisa de todas.

E havia mais: é que aquele coreto tinha sido ofertado a Fão por um tal Anselmo casado com a «enfermeira». Saíra-lhe a sorte grande e ele, com o dinheiro recebido, ofertou aquela prenda à sua terra adoptiva. Dizia-se ainda mais: que o benemérito em causa, para sobreviver, tivera que se dedicar à pesca. Bonito gesto, sim senhor. Imorredoiro, também.

Só que as coisas não se teriam passado bem assim. A nossa simpática amiga Lai Lai,



ANSELMO MOREIRA

uma das memórias de Fão, asseverou-nos que o Anselmo nunca foi pescador. Era enfermeiro também. Pescadores chegaram a ser os dois filhos do casal: Jorge e João que tinham ainda duas irmãs: a Quinhas (da enfermeira) actualmente a viver em Lisboa, e a Inocência (Cência ou Censinha como lhe chamavam). Pescador foi também Avelino que a mãe da Quinhas, chamada Mariazinha, enfermeira igualmente e a viver no Porto, trouxera consigo, embora não fosse nem filho nem familiar. Aconteceu que um certo dia lhe apareceu uma senhora e lhe pediu que tomasse conta daquela criança, a troco de uma mesada que ficou combinada entre as duas. A referida senhora nunca mais lhe apareceu e a dita Mariazinha ficou, como se costuma dizer, com a criança nos braços. Quando a família veio para Fão o Avelino veio também e aqui viveu e morreu.

Tanto o Anselmo como a esposa não eram de Fão. E então como apareceram cá? Ora bem: lembra-nos de ler num dos jornais do concelho, não sabemos se o Cávado se o Esposendense, que o casal Anselmo/Emília eram ambos enfermeiros e que andavam embarcados. Numa das suas viagens fizeram amizade com um fangeiro que lhes disse tão bem da terra que eles resolveram vir para cá morar. Com eles veio a sogra do Anselmo, a já referida Mariazinha.

A Emília passou a trabalhar no Hospital de Fão. A Lai Lai não tem a certeza se o marido também fez o mesmo. Nem a Miquinhas Turra. É de crer que o Anselmo tenha feito mais algumas viagens e numa delas, encontrando-se no Brasil, foi contemplado com a sorte grande. A fotografia que acompanha o texto ajuda-nos a preferenciar esta convicção. São todos fangeiros (o Anselmo já nesta altura o era) e empunha uma pequena bandeira

(Continua na pág. 2)

POR AÍ

Isto passou-se em 1987. A partir daí o Corso tornou-se tradição, curta, é verdade, mas com graça, com sentido de humor, com nível, numa palavra: com a chancela fangeira.

Pensamos que a coisa tivesse pegado de estaca, mas não aconteceu assim, infelizmente. Já o ano passado não houve colaboração «oficial» das escolas na execução dos trabalhos do curso carnavalesco. Este ano houve na verdade cortejo escolar pre-carnavalesco e, portanto, sem «misturas». Todos, alunos e alunas, com o apoio das mães e dos professores, passearam-se por Fão, na sexta-feira, dia 28 de Fevereiro, com muita graça, disse-nos quem viu. Saiu realmente bonito e bem cuidado.

Foi pena que não se tivesse realizado no domingo, dia 1 de Março. Quisemos saber o porquê desta data e disseram-nos que assim tinha sido programado no início do ano.

Lamentamos o sucedido uma vez que Fão tem engenho e arte para estas coisas. No comércio concelhio não somos os maiores. Na indústria, tão pouco, apesar de termos sido pioneiros. Mas em exposições, espectáculos artísticos e em todas as realizações que impliquem originalidade, temos algum mérito e é de facto esta vertente que nós melhor poderíamos vender. Ao contrário do que escreveu o autor do Poema de Deus e do Diabo, temos a convicção de que devemos ir **por aí**.

PAGUE A ASSINATURA

Como se tem verificado, o nosso jornal não recebe com muita frequência os favores das entidades concelhias. Somos de Fão e Fão está abaixo da ponta. Fão é Fão, e Esposende é Esposende. Cada um arranja-se como puder.

Agora foi o banco local que deu um anúncio a um colega da vila concelhia a dizer que tinha mudado de sítio. Quase não se acredita. Um banco situado numa terra tem obrigações com essa mesma terra e em tudo o que puder ajudar a comunidade deve fazê-lo. Sobretudo deve ser cauteloso, prudente e não melindrar os sentimentos desse mesmo povo que diz servir. Agora pegar num anúncio e ir espetá-lo numa terra «rival» é demasiado para a compreensão dos fangeiros.

Coincidentemente, aqui há uns meses atrás, recusámos um anúncio permanente de página inteira a publicitar uma instituição de crédito. Já cá temos um banco que muito acarinhámos e não poderíamos, nós que somos uma instituição local, fazer luta a um organismo da terra. Também não demos resposta a um banco espanhol que nos escreveu a pedir condições. Repetimos: somos uma instituição e não casa de negócios. Exigimos que nos respeitem.

É por isso, caro assinante, que lhe solicitamos o pagamento da sua assinatura. Ao menos contamos com a sua ajuda.

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

com o número premiado. Logo que lhe saiu a lotaria, tocado já pelo tal bichinho, decidiu: «vou fazer um coreto em Fão». E fê-lo. E pagou-o integralmente do seu bolso, asseverando peremptoriamente a Lai-Lai.

Ora o coreto era uma das aspirações da gente de Fão. Todos os anos, nas festas do



Na foto com mais de 60 anos: Alalo (de cigarro na boca), Sebastião Troia (sentado), Anselmo (com uma bandeirinha onde se pode ler o número sorteado: 37181) e ainda o Avelino Fuião. Deve ter 66 anos esta fotografia.

Bom Jesus, tinham que implantar de véspera na Alameda dois coretos de madeira. Agora Fão já possuía um coreto de pedra e ferro. Era um coreto a sério. A partir daí, a banda de música do Internato do Porto e a da Oficina de S. José de Braga, passaram a dar concertos às quintas e aos domingos. Isto nas férias grandes.

O casal em referência continuou a viver em Fão, aqui envelheceu e aqui empobreceu também. Esse empobrecimento emoldurou-lhe o gesto que se encaستou na memória do colectivo fangueiro. Daí a nossa gratidão. Daí o nosso espanto também porque o seu nome em placa nunca foi colocado no coreto para eternizar um gesto que pela sua singularidade (doação do que lhe fazia falta) os ascendeu à galeria dos *fangueiros diferentes*.

Como acima afirmamos, há, gestos que definem as pessoas, e este casal apesar de não ter nascido em Fão, deixa um exemplo a ser seguido pelos auto-proclamados fangueiros de primeira.

PAGARAM A ASSINATURA

1990/91 — D. M.^a Teresa Amoroso Nobro Valle, Porto, 1500\$00. 1991 — D. Sueli Viana Oliveira, Brasil, 1000\$00; D. Elvira Pires de Carvalho, Fão, 750\$00; Ascânio Lima Moledo, Guimarães, 750\$00; Menino Gustavo Villaça Valle, Porto, 750\$00; Manuel Rocha Ferreira, Ostr-Fão, 750\$00. 1991/92 — Jesus Viana, Brasil, 2000\$00; Fernando Albino Gonçalves Neves, Porto. 1992 — João Francisco Fernandes, Fão, 1000\$00; Alberto Alves Simões, Brasil, 1000\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Fão, 750\$00; Carlos Cardoso Salgado, Brasil, 1000\$00. 1992 — José Martins Correia, Espinho, 1000\$00; D. Anabela de Sá Pereira Correia, Espinho, 1000\$00. 1991 — António Teixeira Dias, Fão, 750\$00; Quenor Ribeiro, Fão, 750\$00; Júlio Sá Pereira, Porto, 1000\$00; Ramiro Sá da Cruz, Fão, 2000\$00; Armando Jorge Pereira Reis, Águeda, 1000\$00. 1990/91 — Óscar da Silva Carvalho, Barcelos, 1500\$00; Prof. D. Judite Pinto de Campos, Fão, 1000\$00; Dr. Francisco Xavier, Esposende, 1000\$00. 1991 — Dr. Rosélia Teixeira, Porto, 6000\$00; Cândido Casanova, Fão, 750\$00; João Amândio Agra da Venda, Fão, 750\$00.

UM ABRAÇO AO BRASIL

No dia 19 de Março comemora as suas bodas de ouro o casal «fangueiro» Amândio da Costa Caramalho e Alésia Gonçalves.

Vai haver festa rija porque «bodas de ouro» não se festejam todos os dias.

Para comemorar tão agradável efeméride, desloca-se ao Brasil o casal Manuel Costa/Eugénia Costa.

Na sua companhia segue também a nossa conterrânea Maria Ferreira Belo que vai levar um abraço não só ao casal em festa como a seus irmãos Manuel e Alexandre Belo.

Mas a festança não comemora apenas um aniversário. É que o nosso amigo Amândio Caramalho resolveu vir ao mundo no já distante ano de 1918, precisamente no dia 19 de Março. Como se adivinha, a passagem destas duas datas vai ficar registada nos anais da família.

O nosso amigo Néné estará à disposição de qualquer fangueiro e para isso dá os seus telefones no Rio: 2309026 ou 2484510.

Amândio Caramalho: um abraço e a certeza que nesse dia beberemos uma caipirinha à saúde do casal.

PROMOÇÃO

Foi promovido a sub-gerente da Agência do Banco Fonseca e Burnay, na Apúlia, o nosso prezado conterrâneo e assinante Emídio Real.

Cá está uma pessoa, com bossa de empresário, que ainda pode ser muito útil à terra.

Por enquanto felicidades no desempenho do novo cargo.

★

Foi também promovido a Chefe de Departamento nos CTT de Viana o nosso bom amigo Artur Lopes da Costa. Presentemente encontra-se a fazer um curso de reciclagem em Lisboa para um bom desempenho das suas funções.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.^a classe, 100 quartos, suítes e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

HISTÓRIA DO INUSUAL

No último número de «O Novo Fangueiro», vimos a sem-cerimónia com que os antigos se libertavam dos desperdícios que se alojam na bexiga ou no intestino grosso dos humanos. Empregámos a expressão «sem-cerimónia» porque o nosso escopo visa detectar, através dessas posturas e de certos hábitos, se o pudor é um sentimento natural ou social. Tal exame e considerações inerentes levaram os nosso visores a concentrar as suas ópticas sobre áreas relacionadas com o traje e ainda com os banhos. Outras zonas de estudo vão surgir. Hoje, o nosso campo de observação estende-se à medicina para, observando como ela era exercida, procurarmos estabelecer juízos de valor na relação médico/doente. E isto, porque num exame clínico o doente expõe-se ao tipo de consulta imposto pelo doutor, sucedendo que muitas vezes esse exame vai devassar aquilo a que se costuma chamar a «nossa intimidade» a qual vive paredes meias com o pudor.

Acontece, no entanto, que a história da medicina é muito rica, variada, acompanha o fenómeno de cientificação da natureza e, por isso, para ajudar o leitor a dimensionar a ciência médica, a sua passagem do foro acientífico, religioso ao estado positivo, a sua transformação em ciência, quisemos apresentá-la, histórica e dimensionalmente no exercício para que foi criada: cura dos doentes. Assim sendo, vamos antes de mais tomar contacto com o receituário que os facultativos prescreviam e que, verdade seja dita, quase nada tem a haver com o pudor, mas ajuda a compreender ou a tomar um melhor conhecimento com a mentalidade da época.

Servimo-nos da especial ajuda de Oliveira Marques em «A Sociedade Medieval Portuguesa» para ver especificamente como se curava ou se pretendia a cura nos idos de outrora. À laia de aviso, esclarecemos que, nos tempos de antanho, não havia uma alimentação racionalizada; a base da comida era a carne e o peixe. As doenças, nomeadamente as pestes, eram frequentes devido à falta de reservas do organismo, falta esta provocada por uma alimentação pobre que desconhecia a presença e a acção das vitaminas, dos sais minerais, gorduras e hidratos de carbono que, como se sabe, contribuem para a manutenção do estado hígido do organismo.

As condições higiénicas também deixavam muito a desejar e não é novidade para o leitor o grito de «água vai» que ecoava pelas ruelas da Idade Média, quando as donas ou serviçais das casas assumiam às janelas ou portas e atiravam com o conteúdo dos «camareiros» (leia-se bacios) para a rua, para o monte de estrume que com estes despojos ia florescendo à porta de cada um. Havia prescrições régias para que a localização destes monturos, se fizesse normalmente junto às praias ou em descampados, e que os

despejos ou a limpeza dos locais se verificasse todos os meses; mas o costume e um certo *deixa correr*, pegados às pressas, ensejavam a que florescessem (empregamos este trecho para amenizar) próximos das casas. Estão a topar o cheiro nauseabundo que balouçava nos ares e que as damas forcejavam por anular com o emprego de bidões de perfume, perfume este que anulava ou atenuava ainda o cheiro a raposinho que se desprendia dos corpos, nomeadamente dos fundos mal lavados.

Uma coisa que nunca aceitamos como exequível quando penetramos no umbral da história (disciplina) foi a revelação de que, em épocas medievais, se faziam operações às cataratas. O certo é que depois de lermos e relermos certos trechos concernentes à época em questão, acabamos por aceitar que realmente assim era. E então como se procedia? Primeiro criava-se aquilo a que hoje a medicina chama «campo asséptico» com a aplicação de dietas, purgas, clisteres e sangrias. Lá que a assepeia do sistema gastro-intestinal se conseguia, não temos dúvidas. A criatura ficava de todo lavadinha por dentro. E depois? «O doente sentava-se e um ajudante do médico segurava-lhe firmemente a cabeça. Entretanto o operador subia a um degrau e começava por fechar o olho são do doente com algodão e ligadura. Feito o sinal da cruz, o cirurgião introduzia com cuidado uma agulha de prata ou de ouro pelo branco do olho, dirigindo-a habilmente na direcção do ângulo interno. Evitando ferir as veias, empurrava a catarata e puxava-a para baixo até a situar toda sob a abertura da iris. Concluída a operação, lavava-se o olho com gema de ovo e óleo de rosas. O doente era depois deixado às escuras por vários dias, sempre com o olho vendado».

Embaraços gástricos curavam-se com fígado de bode assado, mergulhado em vinagre forte e digerido com acompanhamento de biscoito, ou com ovos escalfados em vinagre; ou ainda com rolas assadas e recheadas de cera, sempre acompanhadas de vinho tinto ou água de chuva em que fosse mergulhado um ferro em brasa. Se se mativesse o desarranjo, havia o recurso a marmelos, nêspersas ou sorvas. Era também recomendado untar as ilhargas e as costas com pó de estercor de cabra misturado com claras de ovos. No caso de aparecer diarreia, havia que comer pés de perdizes torrados e moídos em vinho ou em ovos assados com sumagre. Fazia igualmente bem esfregar o estômago e o ventre com claras de ovo ou com o estercor de cabras peneirado, com uma ligadura por cima. Usava-se ainda outro recurso e o leitor não se ria: «submeter o traseiro aos vapores de vinagre cozido com folhas de barbasco». E esta, hein?

As dores reumáticas ou artríticas curavam-se com papas de linhaça. Para

os dentes, nomeadamente dores de dentes, havia uma parafernália de mezinhas: raiz de rábano, raiz de malva, sumos de cebolas, sumo de pepinos deitado no ouvido, estercor de porco, leite de cadela, fígado quente de doninha, carne de cobra cozida depois de muito vergastada (pobre cobra...) e ainda: raiz de aipo trazida ao pescoço, grão de sal envolvido numa teia de aranha, tomar uma centopeia e feri-la com agulha, tocando depois o dente dorido tantas vezes quantos os ferimentos infligidos à bicha». Para a cárie recomendava-se que se chumbassem os dentes com cânfora, depois de limpos com cera (valerá a pena tentar, dr. Zé Alberto?).

As pestes eram um dos grandes males que afligiam as pessoas dos tempos medievais. Uma das receitas mais científicas ou racionais que se estabelecia era a fuga dos locais contaminados. Ou então arrumavam-se os doentes para locais próprios (ou impróprios?), fora dos muros da cidade. Havia ainda assim aconselhamentos de carácter geral: abstenção de prazeres sexuais (tal como agora com a Sida), moderação no comer e no beber, evitar o banho de cada dia, fuga a ajuntamentos e a contactos com pessoas, uso e abuso da água com vinagre para lavar as mãos, a cara e o interior das casas, permanência dentro da habitual e como «mezinhas» aparecia em primeiro lugar os «pós de texugo cuja morte, por degola, era precedida do emborrachamento do bicho com vinho» passado por cânfora e misturado com um composto de ouro, aljôfar e coral. Borracheira de luxo!... A mezinha era obtida através dum mistura do sangue, coração e fígado de animal a que se juntava cinamouros, verbena, gengibre ou acafrão, cravos finos, mira, aloés e 1/64 de onça de fino «ulicórnio».

Que eficácia tinham estes remédios? Bem, é de aceitar que os físicos daqueles tempos conseguissem resultados com os produtos que receitavam através da aplicação quotidiana dos mesmos. A experiência vale por um curso. Os processos não eram porém científicos e, como tal, havia uma grande mancha de fenómenos que seriam provocados por Deus ou pelo diabo e, como tal, só com rezas ou esconjuras eram afastados. À medida porém que a ciência avançava, mais reduzido ficava o número daqueles fenómenos que não apresentavam uma causa natural e que requeriam um tratamento não científico. Os seres e objectos naturais eram para o homem medieval sinais de Deus e por isso a ciência não explicava nem previa os factos. Deus super omnia.

A bruxaria, a macumba e as rezas revezavam-se à porfia no afã de curar (1).

(1) História de Portugal. Edição de Barcelos. Volume IV. Artigo de Joaquim de Carvalho, intitulado: «Cultura filosófica e científica».

AS OBRAS DO CONTRA-SENSO

Há uns tempos atrás chegou-nos às mãos um livro de poesia cujo autor era um colega nosso. Colega de profissão e de curso.

Lemos e releemos o livro e, em reforço, uma outra obra do mesmo autor. Confessamos a nossa incapacidade: não percebemos patavina do que que estávamos a ler. E isto afectou-nos um bocado. Concluímos que nem sequer possuíamos uma inteligência média e por isso um certo complexo começou a tomar conta de nós. O tal complexo de inferioridade. Não percebíamos um «tusto» daquilo que os críticos saudaram com vários encómios.

Até que, passados uns tempos, quando em companhia de alguns colegas debicávamos um tema de arte, salamo-nos com esta: «Não percebemos nada da poesia de F. G. Não temos pedalada para ele». Então uma colega, tida consensualmente como uma barra em literatura, aquietou-nos: «Deixe lá que eu também não percebi. Ele usa uma linguagem demasiado exotérica». E assim a paz, ou seja, uma certa confiança na nossa capacidade intelectual, voltou a aquecer-nos.

Voltou para ser questionado de novo. É que nas últimas semanas iniciaram-se em Fão umas obras muito estranhas. Referimo-nos àquele murete da Alameda e respectivo passeio, ao desaparecimento da valeta que ia do Rego da Cruz ao cemitério e ainda ao calçamento que se está a fazer no espaço fronteiro ao que nós em tempos chamamos «comboio». A estrada está a ser «comida». Então no lanço, junto ao chalet é uma coisa por demais.

As obras trazem-nos ou traziam-nos apreensivo. E o tal complexo andava também a fazer os seus ameaços. É que, anos atrás, nas Pedreiras, onde morávamos, sempre que

se pretendia efectuar obras em profundidade ou erigir uma casa nova, a licença era concedida mediante a obrigação de um recuo. De dois metros, se não estamos em erro. E tinha a sua lógica essa exigência. Com os veículos modernos, com o espaço ocupado pelas camionetas e pelos camiões, era e é compreensível o alargamento das estradas.

Por isso aquelas obras eram o contrário da lógica urbanística. Seria alguma exigência da CEE? A moderna arquitectura obedeceria a novos cânones? Na nova urbanização, a filosofia das estradas atenderiam prioritariamente à segurança dos peões?

Havia qualquer coisa que nos escapava pois na actual Junta vá pelo menos duas pessoas entendidas no assunto. Nós queríamos escrever qualquer coisa mas o receio de darmos bronca tolhia-nos os movimentos. Sempre o maldito complexo.

Até que o acaso nos pôs a conversar com gente do meio e naturalmente o tema das obras sentou-se à mesa. E então, só então, demo-nos conta de que todo o mundo estava indignado com elas. Pelo menos com as obras do chalet. Quanto às outras as pessoas ficam na dúvida.

Fomos dali falar com alguém da Junta que nos disse peremptoriamente: «Não temos nada com o caso. É tudo da responsabilidade da Junta autónoma das Estradas».

Afinal, concluímos nós, estão-nos a gozar, estão a chamar-nos alonços. Quando uma obra vai, pelos vistos, contra a vontade de uma população inteira, cai-se numa prepotência, numa tirania que ainda por cima é aleivosa. A Junta não pode dizer apenas «que não é nada connosco». Tudo o que se fizer ou vier a fazer na terra, é convosco, sim senhor.

TOPONÍMIA DE FÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉC. XVIII

Por ÓSCAR FANGUEIRO

Através dos livros de assentos e outros relativos à «toponímia fanguieira» da segunda metade do séc. XVIII e primeira metade do séc. XIX, é possível conhecer a sua denominação e o tempo parcial da sua existência.

O tratamento deste assunto, para além das razões históricas, tem por fim alertar os responsáveis locais, quer para a manutenção destes topónimos, quer para a possibilidade de serem mencionados, apesar da sua alteração.

Para a sua apresentação escolherei a ordem no tempo, para ajudar a compreender a evolução toponímica de Fão: Rua da Misericórdia, 1761 a 1782; Rua da Varanda, 1761 a 1825; Rua da Praça, 1761 a 1841; Rua da Igreja, 1761 a 1835; Rua da Cruz, 1761 a 1841; Rua de Cima, 1761 a 1810; Rua da Ribeira, 1761; Rua da Pedra Alta, 1761 a 1774; Rua da Areosa, 1759 a 1816; Rua de Baixo, 1763 a 1851; Rua do Bom Jesus, 1765 a 1779; Arrabalde de S. Paio, 1765 (dará lugar em 1870 à Rua do Arrabalde); Rua Nova, 1782; Rua Direita, entre 1761 a 1782 (antes de 1761 tinha outro nome, parecido ou começado pelas letras CAB); Rua do Adro, 1792; Arrabalde das Pedreiras, 1793 a 1838; Rua Sr.ª dos Remédios, 1815 (dado que Remédio já era al-cunha de meu 6.º avô, falo em 25/11/1793

e que traria já de solteiro, penso que terá origem no topónimo, provavelmente existente antes desta data); Rua da Pedra Alta, 1830 e Rua de S. João, 1852.

Na esperança de ver publicados novos elementos sobre a toponímia fanguieira, em especial, antecedendo a data de 1761, sugiro que este trabalho seja acompanhado com uma lista das actuais denominações.

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

O senhor Colesterol já deve ter pensado que a Tia Mariquinhas desertou! Qual quê! O que acontece é que por vezes a vida complica-se e o tempo é uma coisa que não se pode esticar. Mas vamos lá compensá-lo deste meses de silêncio, com um prato que de certeza o vai fazer dar uma subidinha daquelas...

TRIPAS À MODA DO PORTO

Lava-se a dobrada em muitas águas frias, escalda-se e coze-se. À parte coze-se feijão-manteiga, espremendo-o em seguida para lhe aproveitar o polmo. Também à parte, coze-se: mão de vitela, galinha, presunto, chouriço e cenouras. Faz-se, depois, um refogado com banha de porco, cebola e salsa picada, e nele se deitam as tripas, o polmo do feijão e as outras carnes já indicadas, tudo partido aos bocados.

Leva-se ao lume a levantar fervura e serve-se.

★

E, depois deste prato indigesto, aí vão umas

BOLACHAS DIGESTIVAS

Açúcar — 250 gramas.

Manteiga — 100 gramas.

Leite — 2 decilitros.

Bicarbonato de sódio — 10 gramas.

Amassa-se o açúcar com a manteiga (derretida) e o leite (quente) e por fim o bicarbonato (dissolvido). Bate-se tudo muito bem e depois vai-se juntando farinha ao poucos, batendo com uma colher de pau ou amassando à mão.

Quando a massa estiver dura, consistente, estende-se com o rolo em tábua polvilhada com farinha.

Depois, é só cortar no feitio que se queira e levar ao forno em tabuleiro untado, para cozedura rápida.

E pronto. Com isto e com um abraço se despede por hoje a

TIA MARIQUINHAS.

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

*Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas*

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

PÁGINA JOVEM

A MELODIA DAS PALAVRAS

Olá, jovens! Então esse Carnaval? Oxalá que se tenham divertido, embora sem excessos, porque a diversão é necessária como pausa no trabalho, de vez em quando. Mas sem perder de vista a meta a atingir: o êxito na vossa vida escolar.

HISTÓRIA DE UM DIA

Por ANA MARQUES

(Continuado do número anterior)

— Olha, queria pedir-te desculpa. Sabes às vezes não me consigo controlar... e hoje o dia começou mal, acontece a todos... mas, não fiques zangada comigo. Está bem?

Bom, aquele sorriso já foi o suficiente. Serviu de consolo.

Bem, dois comprimidos para as dores de cabeça. Dois? sim, um já não faz nada! E logo hoje para a agenda ficar completa, também as já velhas dores de cabeça não poderiam faltar.

Bater uma carta, uns telefonemas, descer e subir escadas, um chama, o outro está com pressa. Ai, sinto-me a estourar!

Estou cansada e nunca mais chegam as seis.

Se tivesse que fazer um daqueles questionários sobre o «stress», eu ia re-bentar com a escala!

O relógio marcava quase seis horas. Hum! Que bom! Começo a arrumar a secretária para sair e surge ele...

— Menina ligue para o Sr. Rodrigues e marque uma reunião se possível para amanhã.

Droga! se lhe pudesse bater, batia-lhe. Parece que foi de propósito, mesmo à hora de saída. E os colegas já começavam a sair.

— Até amanhã, adeus, chau...

E agora o número de telefone? aonde encontrá-lo? — Na lista telefónica... mas estes números já mudaram! Tinha que ser! Marco o 090 e lá peço a informação. Agora dão-me música... já tinha tempo de ir até lá... marcava a entrevista pessoalmente... apanhava um avião...

Do outro lado: — menina o número que pretende está temporariamente desligado...

E agora, o que faço? Bem, eu nada posso fazer. Milagres não são comigo e hoje duvido que algum queira alguma coisa com a minha pessoa. Mas quem não vai gostar nada é o meu patrãozinho.

(Continua)

PAUSA PARA SORRIR

Dois amigos estavam num café. A certa altura, entraram duas senhoras bastante feias, e com aspecto de idosas.

Um dos cavalheiros pergunta ao outro:

— Quem são aquelas senhoras?

O amigo responde:

— São mãe e filha?

Responde o primeiro:

— Impossível! Qualquer delas parece mãe da outra!...

★

Uma senhora saiu a compras. Pouco depois de estar na rua, lembrou-se de que não trazia o livro de cheques.

Voltou a casa, buscá-lo e, entrando de repente na sala, encontra a empregada doméstica sentada no sofá, a ver televisão e com um copo de uísque na mão.

— Oh, Maria! Estou surpreendida! — exclama a patroa, indignada.

Sem perder a calma, responde a empregada:

— Também eu, minha senhora! Julgava que a senhora não estava em casa...



Desenho de Isabel M.

As palavras esvoaçam,
Como pétalas libertadas da sua flor,
os folhas que caem, mansamente, neste chão
de Outono.

Mas nada fica. Elas são efémeras.
Mas essa sua doce e curta existência
é suficiente

Para lembrar todos os sentimentos
Que afloram em cada mente.

E a melodia é eterna,
Neste engano em que vivemos,
Ao acreditar que as palavras também morrem.

MARTA (15 anos)

SOLIDÃO

*Pela sombra da noite
Que o ocaso anuncia
Caminbando lentamente
Eu ia.*

*O dia tinha sido iluminado
Por um sol radioso e quente
Que fez despir casacos
E arregaçar mangas de camisa.
Os campos verdejantes
Confundem-se com o mar
Que, lá longe, não se cansa
De dançar.*

depois, à minha frente,

*Vejo uma menina
Curvada, de joelhos,
parecendo adorar um deus
Ou suplicar misericórdia
A quem passa,*

Mendiga de um graça.

Não a sei definir.

Podia ser noviça de um convento

Que alguém levasse a pecar.

Ou a princesa de um reino,

De um reino por inventar.

O seu olhar magoado

A todos denuncia.

*Quem lhe roubou a alegria,
Quem seria?*

Sentei-me junto dela;

Soluçava, sentida.

E as folhas verdes


Balançavam ao vento,

Como crianças brincando

Em plena avenida.

FÁTIMA RODRIGUES

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

OS NEGROS EM FÃO, EM TEMPOS IDOS

Por ÓSCAR FANGUEIRO

Com as Descobertas entraram os Negros em Portugal e no séc. XVI o seu número era já elevado.

Os primeiros foram trazidos das Canárias, em 1433, por Gil Eanes. Porém, os primeiros escravos vieram em 1441 da África Ocidental.

Muitos eram trocados na costa da Guiné, por cavalos.

Nas côrtes de 1472-73 foi pedido ao Rei D. Afonso V, que não autorizasse a sua saída para o estrangeiro, pois prestavam grande serviços ao reino, povoando terras e arrotando matagais.

Em 1444 coube ao Infante D. Henrique o quinto dos escravos trazidos de Arguim para Lagos, por Lançarote Pessanha.

Assim, passaram a vir às centenas, das terras entre o Senegal e a Serra Leoa, em cada ano.

Garcia de Resende lamenta as consequências da sua entrada no país.

Camões trata-os com afeição.

Porém, os Negros também foram tratados carinhosamente, entrando na linguagem portuguesa (antroponímia, provérbios, cancionário, etc.).

Foram convertidos ao Cristianismo e integrados nos nossos costumes, passando a usufruir de tratamento humano e social.

Através dos livros de «assentos» de casamentos e óbitos, sabemos que em Fão viveram alguns negros, na situação de escravos, durante o último quartel do séc. XVIII e primeira década do século seguinte.

Alguns estiveram ao serviço de importantes figuras de Fão, como sejam o Capitão Domingos da Costa Carvalho e do P.e Manuel José Maciel.

Em conclusão citamos alguns exemplos: Rita (negra escrava), fal. em 1/10/1777; Boa Ventura (preto escravo)

do mencionado Capitão, fal. em 24/3/1778; Joam (preto mendicante) de S. Nra. da Abadia; Mariana (preta) amortalhada em hábito preto; Maria Gomes (preta) casada com Diogo (preto); António José Gomes (preto) casado com Maria Madalena (preta); Joana (escrava de Urbano Costa), fal. em 19-5/1809; uma escrava preta do referido clérigo, fal. em 18/2/1810.

O número de negros actualmente tende a aumentar, já não como escravos, mas sim, como cidadãos imigrantes, em busca de melhores condições de vida.

DOENTE

Vítima de doença grave encontra-se recolhido no leito, em sua casa, o nosso conterrâneo António Lopes (móveis).

Fazemos votos para uma total recuperação.

DE VISITA

Tivemos o prazer de abraçar em Fão o nosso amigo Boaventura Peixoto, que passou uns dias entre nós em companhia de sua esposa. Veio do Canadá para ver seu pai que se encontra doente.

JUVENTUDE

*Véus de noivas estende a Primavera
E Orfeu alado cruza alegre os ares...
E há ledos casamentos pela esfera
Porque á abril nos montes e pomares.*

*Acorda esbelto o sol no branco ninho
Das nuvens sacudidas lentamente...
E despertam as rosas do caminho,
Sorrindo pergumadas para a gente.*

*Desce a cantar o rio na colina,
Sobe o rebanho manso, aveludado,
E envolve o fresco manto da campina
O sorriso do céu imaculado.*

*Abrem os olhos brancos cerejeiras,
No prolongado Inverno recolhidas,
E os grilos tocam flautas nas clareiras
Para acordar as rãs adormecidas.*

*Abelhas, borboletas, como loucas,
Enchem o céu de graça e alegria,
E beijam docemente as néveas toucas
Das cerejeiras ao romper do dia.*

*Uma fonte suspira na quebrada
Sem que ninguém descubra o seu segredo,
E paira em toda a abóbada azulada
A poesia que brota do arvoredado.*

*E enquanto o Sol espalha longamente
Os seus louros cabelos na amplitude...
A Primavera pura e sorridente
Abraça carinhosa a Juventude.*

DINIS DE VILARELHO

FESTAS DO SENHOR BOM JESUS DE FÃO

(ATRASADA NA REDACÇÃO)

Receitas: c/ peditório: — Pedreiras, 320.900\$00; Ramalhão, 642.600\$00; Areosa, 670.920\$00; Ofir/Emigrantes, 772.229\$00. Total: 1.711.649\$00. C/ subsídios: C. M. Esposende, 300.000\$00; Govern. Civil, 45.000\$00; J. F. Fão, 60.000\$00; U. B. Portugueses, 70.000\$00; Firmas Comerciais, 190.000\$00. Total: 665.000\$00. C/ publicidade, 127.000\$00; c/ divertimentos no arraial, 358.200\$00; c/ tómbola, 352.600\$00; c/ Noite Fangureira. Passagem de Modelos, 194.095\$00; c/ Cantar das Janeiras, 468.800\$00; c/ Activ. Desportivas e Culturais, 46.867\$50. Total de receitas, 3.924.211\$50.

Despesas: c/ Arraial, 800.000\$00; c/ Bandas Musicais, 520.000\$00; c/ Fogo do Ar e Preso, 422.322\$00; c/ Publicidade, 337.171\$00; c/ Ranchos, Conj. Musical e Cavaquinhos, 245.000\$00; c/ Tómbola, 213.964\$00; c/ Marchas Populares, 135.009\$00; c/ Zés Pereiras, Cabeçudos e Gigantones, 110.000\$00; c/ Noite Fangureira, 72.716\$50; c/ Tunas Académicas, 46.330\$00. Total de despesas: 2.902.512\$50.

Saldo a transitar para as Festas de Fão de 1992: 1.021.699\$00.

★

A Comissão de Festas do Senhor de Fão só agora teve oportunidade de fazer apresentação pública das contas das festas de 1991, devido ao facto de algumas verbas das entidades oficiais terem sido entregues, ainda que atribuídas, há relativamente pouco tempo.

Queremos agradecer, publicamente, a todos aqueles que contribuíram quer com donativos quer com outro tipo de apoios para que as festas de 1991 tivessem tido o brilho e distração tão peculiares das actividades que têm sido levadas a cabo na nossa terra.

Aproveitando o ensejo para dar a conhecer alguns dos nossos planos para as festas de 1992, tendo em vista angariação de fundos, porquanto a meta pretendida é que no mínimo, as Festas do Senhor Bom Jesus sejam idênticas às de 1991, embora as nossas pretensões apontem para uma maior grandiosidade nos aspectos festivos e culturais.

Assim teremos: «Passagem de modelos Outono/Inverno»; «Festividades de Fim de Ano»; «Cantar de Janeiras». Outras iniciativas desta Comissão serão dadas a conhecer no momento adequado.

Fão, 29 de Setembro de 1991.

A Comissão de Festas de 1991

Fernando Peieira, José Artur Marinho, Manuel R. Morgado, Rogério Morgado, Manuel V. Sousa, Joaquim Peixoto, António G. Vale, Carlos F. P. Rio, Manuel Ribeiro, José Inácio, Armando Pereira, Miguel Pereira, João Esteves, Álvaro Campos, Fernando Mendanha, João Francisco Vale, António Peixoto, Ana M.ª Peieira, Arrianda Soares, Maria José Borda, Fernanda Borda, Isménia Sá Pereira, Agostinho Araújo, Rogério Pereira, Norberto Mota, Aurora S. Esteves, Judite Esteves, Rui Soares e Conceição Peixoto.

VEJA A SUA ÁRVORE GENEALÓGICA CORTE REAL

Esta família descendeu da dos Costas, uma vez que os primeiros indivíduos que surgiram com este nome eram filhos de Vasco Anes da Costa, cavaleiro honrado de Tavira e contemporâneo do rei D. João I.

Os aludidos descendentes foram Vasco Anes Corte Real, Gil Vaz da Costa e Afonso Vaz da Costa. O nome de Corte Real passou para os descendentes de Vasco Anes e de Gil Vaz. Não se sabe bem porquê.

Entre os primeiros Corte Real contam-se alguns navegadores, suspeitando certos historiadores que um deles, Miguel Corte Real, teria visitado a América antes de Cristóvão Colombo. Esta suposição baseia-se no facto de ter aparecido num rochedo situado numa das margens do rio Tanton (Berkeley, Massa-

(Continua na pág. 7)



O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

A CIÊNCIA E A VIDA

São indiscutíveis os progressos que nas últimas décadas se têm verificado nos domínios da Ciência e da Técnica, mas é inegável, também, o facto de, em consequência, a Humanidade se ver confrontada com situações completamente novas, inesperadas e até impen-sáveis num tempo mais recuado.

Vem isto isto a propósito de uma notícia inserida há uns meses no Semanário «TAL % QUAL», n.º 574. Trata-se, na essência, do seguinte:

Uma jovem americana adoeceu com leucemia. Há uns anos atrás, a sentença seria fatal, inapelável. Actualmente, porém, a Ciência encontrou uma forma de combater tão terrível mal: o transplante de um pouco de medula espinal de pessoa sã e compatível, normalmente um familiar.

Neste caso, no entanto, o precioso tecido, quer por via paterna quer materna, não possuía compatibilidade. Parecia não haver mais lugar para esperança.

Mas o desespero daqueles pais e o amor pela filha, levaram-nos a tentar uma solução extrema: a mãe engravidou para que o bebé que viesse a nascer, se compatível, possibilitasse a

irmã leucémica o transplante salvador.

Foi uma luta contra o tempo. A doente aguentou os meses de espera, nasceu uma menina cuja medula era compatível e, logo que foi possível, fez-se a operação, com êxito.

Hoje, as duas irmãs, de boa saúde, posam sorridentes para o fotógrafo — e para a posteridade...

Este caso, pelo seu ineditismo e pelos problemas de ordem moral e psicológica que é susceptível de levantar, parece-nos merecedor de reflexão.

O «TAL & QUAL» dá-lhe o título de «OBRIGADA, MANA!». Mas, quando a irmã mais nova crescer e se inteirar das condições em que veio ao mundo, é possível que respondia, com amarga ironia; «Obrigada EU, Mana! Porque se não fosses tu e a tua doença, os nossos pais não me teriam chamado à vida, não me teria sido concedido o dom ines-timável de viver!».

Muitos outros aspectos se poderiam abordar neste singular acontecimento mas, sobrepondo-se a tudo, parece-nos que o mais relevante é a afirmação do milagre da Vida que se renova — da VI-DA fonte da VIDA.

INUNDAÇÕES

Há quem diga que certos acontecimentos históricos não têm quaisquer interesses para o público. Eu, porém, vou contar um facto sucedido há muito e que de certeza vai despertar a curiosidade do leitor.

Foi na noite do dia 11 para 12 de Fevereiro de 1900. Choveu torrencialmente na véspera mas nada fazia prever tão grande cheia igual a uma outra ocorrida trinta anos antes, precisamente em 1870. O volume de águas transbordou do próprio leito do rio, espalhando-se pelas margens.

Em várias habitações a água entrou de enxurrada, indo colher de surpresa muitos moradores que já estavam deitados, obrigando-os a sair de casa. Durante aquela noite muita gente empregou-se afanosamente a remover quase todos os seus haveres, inclusivé animais e redes de pesca. As águas atingiram um nível elevado.

Algumas embarcações, levadas pela ventania e força das águas quebraram as amarras indo encalhar nos campos marginais, sofrendo grandes avarias.

As ruas da parte baixa ficaram cobertas de água sendo poucas as casas que não sofreram a invasão das águas.

Imagine, caro leitor, que dentro do majestoso santuário Santuário do Bom Jesus a água chegou ao ponto de quase

cobrir os altares. Alguns moradores refugiaram-se nos barcos que apareceram a boiar junto às casas.

Dos estaleiros foram arrastados pela corrente muitas tábuas que ali se encontravam. O mesmo sucedeu com a madeira dos fornos da cal.

Tornou-se impossível calcular o montante dos prejuízos. Nas freguesias de Gandra e Fonteboa as águas danificaram igualmente os campos marginais.

Durante este acontecimento é possível que tivessem acontecido vítimas, mas rigorosamente não há notícias concretas.

Segundo o que sabemos é que algumas pessoas que morreram foram sepultadas na igreja Matriz, por falta de lugar adequado.

Para confirmar esta hipótese sei que quando se fizeram escavações, apareceram ali muitas ossadas (!).

José Maria Machado do Vale

(1) Este texto baseou-se fundamentalmente num artigo incerto no jornal *O Progresso* de 15 de Fevereiro de 1900 de que era director político o dr. Fonseca Lima. Também respigamos algumas notas do jornal *Progressista*, órgão do Partido Progressista de 1900.

Nota da Direcção: o autor deste texto é um jovem fangeiro, com apenas a sexta classe, mas muito dedicado à história de Fão.

CARTAS AO DIRECTOR

Ex.mo Senhor
Director do Jornal «O Novo Fangeiro»
Fão

Ex.mo Senhor,

É com alguma consternação e máguia que assisto à não publicação de qualquer notícia alusiva à doação formal, efectuada pela Câmara Municipal de Esposende, de acordo com a deliberação do executivo municipal de 3 de Agosto de 1989, ao Clube de Fubol de Fão. Doação essa que consistia no prédio urbano construído no lote 5 do conjunto habitacional dos Lírios e que se destina a albergar a sede do C.F.F.

A aguçar a minha surpresa está o facto, de além de acontecimento com interesse para todos nós fangeiros, de o sr. Director ser simultaneamente o presidente da Assembleia Geral do Clube e ter feito duas convocatórias para a entrega da escritura que trata de interesses para o Clube, com convites a todas as instituições de Fão. Fomos no entanto presenteados com a ausência de todos, somente o presidente da Assembleia de Freguesia se dignou a comunicar da sua impossibilidade; e é assim que é tratado o Clube de Futebol de Fão por quem tinha o direito de o acarinhar. Esta instituição é o mensageiro do nome de Fão por todas essas terras onde se desloca.

Que o futebol é o parente pobre desta terra, já todos sabemos, mas há que alterar essa ideia. Pede-se desde já a maior colaboração e cooperação das pessoas a ele de alguma forma ligadas e também das entidades oficiais, concretamente da autarquia local que parece não estar muito virada para as lides futebolísticas.

O nosso futebol precisa de pessoas que o ajudem, não por caridade, mas por serem fangeiros, e não deve ser pelo facto de não constarem nomes sonantes na presente Direcção que essa ajuda se negue.

A informação dos factos relevantes da vida do clube é não só um dever geral do presidente da Assembleia Geral, como também uma obrigação jornalística do director do jornal fangeiro (infelizmente único), por isso remeto desde já ao sr. Director uma cópia da escritura de doação da actual sede do Clube. Isto para que todos os amantes do futebol, e não só, estejam ao corrente do assunto.

Faço, para terminar, um apelo a todos os fangeiros em geral e às entidades oficiais, em especial, para que auxiliem a presente Direcção e o C.F.F., pois Fão já merecia ter o seu clube num escalão superior. Só ainda não conseguí tal feito por falta de apoio.

Deixemo-nos de quesílias clubistas ou político-partidárias!

Agradecendo o espaço que a presente informação possa ocupar no próximo número do jornal «O Novo Fangeiro», subscrevo-me, com os melhores cumprimentos.

OSCAR VIANA

VEJA A SUA ÁRVORE GENEALÓGICA

(Continuado da pág. 6)

chussetts), conhecido por Pedra de Dighton, sinais e palavras gravadas por Miguel Corte Real que se sabe ter saído de Lisboa com rumo ao nordeste em 10 de Maio de 1501.

As armas dos Cortes Reais são: de vermelho, seis costas de prata saintes dos flancos do escudo e em duas palas, chefe de prata, uma cruz de vermelho. Timbre: um braço armado de prata e guarnecido de ouro, com uma lança em riste de prata, hasteada de ouro, com uma flâmula bifurcada de prata e carregada com a cruz do chefe do escudo.

ÁFRICA, ADEUS [25]

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

Depois dos carros alinhados, todos conversávamos, sendo o assunto sempre o mesmo, mas o tempo foi passando sem que qualquer escolta aparecesse para nos conduzir.

Já reinava uma certa incerteza, tendo alguns mais afoitos sugerido para seguirmos sozinhos. Somos talvez uns cinquenta homens e todos estamos armados, não temos que ter medo. A maioria não era da mesma opinião.

Já passava das nove horas quando apareceram dois carros militares, um jipão e um jeep pequeno. Era esta pequena força composta por cerca de uma dúzia de militares comandados por um furriel miliciano, que imediatamente se dirigiu aos civis.

«Tenho ordens de os acompanhar até Aldeia Viçosa, onde neste momento se encontra uma companhia militar ida de Salazar. Lá o comandante resolverá a melhor maneira de vocês irem às vossas propriedades».

Alguém adiantou: «e então são só vocês que nos vão escoltar?» «Só», respondeu o furriel, neste momento não há disponibilidades para mais. Mas vocês todos têm armas, não é verdade?» «Sim», respondemos.

«Então cada um de vocês é um soldado e obedecerá às minhas ordens». Posto isto, o furriel tratou de organizar a coluna pondo os dois carros militares um à frente e o outro atrás, seguindo os carros civis a meio. Pouco depois a coluna partiu em direcção ao Norte. Sesenta quilómetros percorridos alcançámos a povoação do Úcua, onde parámos para comer alguma coisa. Eu e os meus companheiros entrámos no Bar do Zé Maria. Este apressou-se para nos servir, e eu aproveitei para perguntar: «Então, senhor Zé Maria, como vão as coisas por cá?» «Olbe, não sei o que lhe diga. Por enquanto aqui ainda não houve nada, mas não sei se demorará muito a acontecer. Eu tenho um pressentimento muito mau, já mandei a mulher para Luanda com os filhos. Estou cá só. Isto assim não é vida. As autoiridades também não querem saber. Podiam pôr aqui alguns militares, que poderiam evitar o pior,

mas ninguém quer saber de nós». Entretanto era solicitado por outros clientes e retirou-se para os servir. Terminada a pequena refeição, regressámos às viaturas. O furriel verificou se todos estava em ordem e deu indicações para a coluna seguir rumo ao Píri. A estrada Úcua-Píri, atravessava uma densa floresta virgem. Eram sessenta quilómetros sem nada de especial. Apenas sensivelmente a meio existia a Roça Val do Lama. Era uma zona muito propícia a emboscadas, como mais tarde de haveria de verificar, o que levou a que aquela estrada fosse apelidada de estrada da morte.

Felizmente percorremos aquele mar de florestas sem novidade e foi com alívio que alcançámos a povoação do Píri, mas sem parar, continuamos viagem até ao desvio de Kibaxe.

Alguns carros com destino àquela povoação seguiram para lá. Os restantes carros foram até ao acampamento dos trabalhadores da estrada que ficava próximo. Parámos não só para descansar como também para colher informações. Logo fomos rodeados pelos trabalhadores «brancos» que nos informaram: «Aqui ninguém trabalha, estamos parados a guardar o acampamento por entendermos não haver condições de segurança que nos permitam trabalhar».

«Mas têm conhecimento de acções terroristas nestes dias?» perguntei. «Nós aqui ouvimos contar muitas coisas que se passam para os lados de Bula-Atiumba... Pango-Aluquém, etc. Mas, dos lados de Vista Alegre, como devem calcular, não sabemos nada, pois ninguém passa para lá nem de lá para cá».

Depois das habituais despedidas, partimos rumo ao norte. Dez quilómetros depois chegámos à ponte do rio Dange. Af todos os carros pararam. Os militares e alguns civis desceram das viaturas e caminharam a pé até alcançarem a outra margem do caudaloso rio.

Uma vez do outro lado, mandaram avançar as viaturas, uma de cada vez até todas elas se encontrarem na outra margem. Terminada esta operação, todos subimos para as viaturas, e recomeçámos a viagem, rumo a Vista Alegre, mas agora com redobrado cuidado, pois dali para cima toda a região estava nas mãos dos terroristas e em qualquer curva poderíamos deparar com eles. Por detrás de qualquer árvore poderia estar uma arma apontada à cabeça de qualquer um de nós.

A coluna avançava com cuidado até que chegámos à primeira vala que já tinha sido tapada pela anterior coluna, comandado pelo Alferes Robles. Tudo se encontrava na mesma, as árvores que tinham sido cortadas e arrumadas na berma da estrada assim continuavam, como há duas semanas atrás. Dir-se-ia que a guerra tinha acabado, e que o inimigo não queria criar mais dificuldades aos brancos. Sabíamos que as coisas não seriam assim, e enquanto a coluna seguia a sua penosa marcha, eu não podia deixar de pensar que poderíamos estar na mira da arma do cruel sanguinário Manuel Corocoge.

(Continua no próximo número)

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

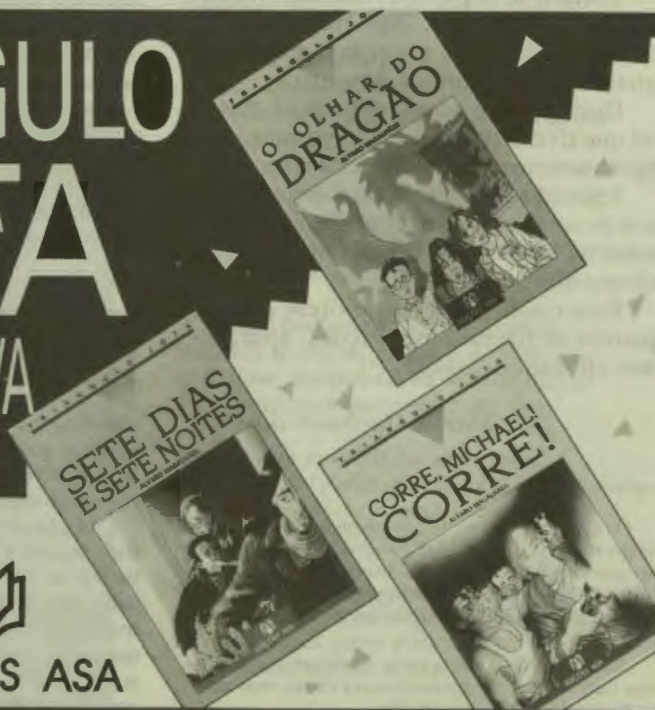
4700 BRAGA

TRIÂNGULO
JOTA

UMA COLEÇÃO
PARA GENTE NOVA



EDIÇÕES ASA



FALECIMENTOS

Morreu o último padre nascido em Fão, P.e Manuel de Faria Borda. Com ele desapareceu o último abencerragem dos sacerdotes que caracterizavam o tecido social fangueiro.

Fão foi já um viveiro de sacerdotes que de certo modo dignificaram a carreira que escolheram. Ao correr da pena vamos lembrar: P.e Jerónimo Chaves, P.e Francisco Cubelo, P.e Júlio Cubelo, P.e Avelino Borda, P.e Manuel de Carvalho Alaio, P.e Job Teixeira, P.e Carlos Lima, P.e Manuel Martins Palmeira, P.e Manuel Alberto Gonçalves, P.e José Ferreira e P.e Vila Chã Soares.

O P.e Manuel Borda foi, sem ser o mais velho, o último sobrevivente. Sempre que o encontrávamos dizíamos-lhe com certa ternura: «P.e Borda não se deixe morrer»... Ele sorria, encolhia os ombros, como quem: «seja o que Deus quiser».

Dizíamos que Fão foi viveiro de padres e de seminaristas. Houve uma altura que a vertente seminarística era a mais saliente do grupo estudantil cá da terra. Naquele tempo o seminário era não só o núcleo onde se caldeavam vocações sacerdotais mas ainda o refúgio daqueles que queriam estudar mas não tinham grandes recursos. Vamos recordar alguns: Manuel Faria Solinho, Sebastião Didier, Albino Campos, Albino Viana (já falecido), Zeca Fontes (falecido), Umberto Didier, Armando Saraiva, Alfredo Machado, Francisco Cubelo, os irmãos Real (Emídio, Joaquim e Manuel) o Zé Vieira e ainda o António Matos.

Ao que nos consta, o Prior Nogueira tinha um certo orgulho nos «seus ex-seminaristas porque de um modo geral soubemos vingar na vida.

O P.e Manuel Borda, além do curso de sacerdote, formou-se em Solfejo e composição na Universidade de Salamanca. Chegou a ser o melhor pianista da arquidiocese de Braga. Nesta cidade, quando professor no Seminário Menor, salientou-se como regente do grupo polifónico «Cantores da Imaculada» formado por educandos daquele seminário. Depois do seminário passou para professor do Ciclo Preparatório na disciplina de Canto Coral.

Atingidos os setenta anos passou a viver definitivamente em Fão, dedicando-se com mais tempo ao Grupo Coral da Matriz que atingiu alguma notoriedade. Como muitos fangueiros puderam ver, este coro abrilhantou várias missas transmitidas pela televisão.

As músicas eram todas da sua autoria. Distinguiu-se como compositor de mérito e profícuo regente. Grupo coral a que ele deitasse mão, salientava-se de certeza. De ouvido sempre atento, acorria e segurava sempre qualquer naipe em queda. Dava uma certa personalidade e

até uma certa arrogância aos grupos que regia, conferindo-lhes no final uma certa apoteose. Estamos a recordar, por exemplo, «Natal, Natal!» Entusiasmava os elementos que actuavam sob o seu controle. Até rejuvenescia.

Não há dúvida que Fão ficou mais pobre com o desaparecimento deste ilustre musicólogo.

★

Em Fão faleceu igualmente António Gomes Lopes, antigo guarda fiscal e que

ultimamente trabalhava no posto de análises de sangue, na Rua de Cima.

Com uma vida muito certinha, António Lopes parecia vender saúde. Sofreu um acidente vascular cerebral no dia 5 que na noite de 6 se repetiu e que lhe causou a morte.

Por ironia do destino, ainda de véspera esteve a combinar com a família o dia de saída do Hospital de S. João no Porto. Saiu sim, mas já não foi pelo seu pé.

António Lopes ocupou vários cargos

(Continua na pág. 12)



CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

REGIME DE LICENCIAMENTO DE OBRAS PARTICULARES

Se pretende construir não esqueça que estão sujeitas a licenciamento municipal as obras de construção de novos edifícios e reconstrução, ampliação, alteração (modificação da estrutura de fachadas, da forma dos telhados, da natureza e da cor dos materiais de revestimento exteriores), reparação ou demolição de edifícios e, ainda, trabalhos que impliquem alteração da topografia local (muros divisórios, arranque de árvores, etc).

Informa-se que entrou recentemente em vigor o novo regime de licenciamento de obras particulares, que altera completamente os procedimentos até aqui em vigor, no que respeita à informação prévia, ao licenciamento da construção e da utilização e, ainda, a fiscalização da respectiva obra.

Não utilize o método da construção clandestina porque está sujeito à aplicação de coimas, que vão de 200.000\$00 a 50.000.000\$00, conforme os casos, para além de outras sanções previstas no novo regime: apreensão de material utilizado, interdição do exercício da profissão ou actividade na área do município e privação do direito a subsídios outorgados por entidades ou serviços públicos.

A Câmara Municipal de Esposende está disponível, através dos seus serviços técnicos, para eventuais pedidos de esclarecimento.

Construa na segurança

Informe-se previamente sobre a possibilidade de realizar determinada obra sujeita a licenciamento municipal e respectivos condicionamentos.

Divisão de Planeamento e Obras Particulares.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Últimos resultados: Fão, 2 - Gondifelos, 1; Fão, 2 - Prado, 1; Ribeirão, 2 - Fão, 2; Marinhas, 3 - Fão, 0.

Mais uma série de bons resultados, exceptuando o de Marinhas de quem já se sabia que não ia ser um osso fácil. Já em Fão, vencendo por 3-2, sabia-se que o grupo tem pretensões. Não é por acaso que o Marinhas se encontra no 1.º lugar, com uma diferença de 5 pontos em relação ao segundo.

Com a equipa a fazer nas últimas jornadas resultados muito satisfatórios e com exibições muito prometedoras, não era caso para embandeirar em optimismos exagerados. Também é verdade que o Fão voltou para a 2.ª parte, apesar de estar a perder por 2 a 0, com muito fervor e com o apoio constante dos fangueiros que foram em bastante número às Marinhas.

Que pena não vermos em Fão tanta gente como vimos nas Marinhas.

No início da segunda parte e durante os primeiros 20 minutos o Fão não deixou o adversário sair do seu meio campo. Duma maneira geral o Marinhas foi melhor equipa e o resultado aceita-se, apesar de toda a rivalidade existente entre equipas do concelho.

Já em Ribeirão a equipa de Fão foi superior mas foi pura e simplesmente expoliada por um árbitro que só deu o jogo por terminado quando os da casa meteram o golo do empate ficando o resultado em 2 - 2.

Por isso a classificação neste momento não é tão afiliva.

CANOAGEM

Foi com muito optimismo que o Clube Náutico de Fão iniciou a época 92, mediante os resultados obtidos nas primeiras provas. Há que desejar-lhes continuação dessa força de vontade de querer para o futuro.

No campeonato regional de homens que teve lugar em Vila Nova da Cerveira na categoria de cadetes K1 - 8000 metros o primei-

PAGARAM A ASSINATURA

1991 — António Gomes Lopes, Fão, 750\$00; José António Capitão Machado, Fão, 1000\$00; Prof. D. Zulmira Pinheiro Borda Rodrigues, Fão, 750\$00. 1992 — Daniel Carlos, Fão, 750\$00; D. Margarida Maria Trindade Linhares, Fão, 750\$00; Joaquim Marinho dos Santos Marques, Porto, 1000\$00; Dr. Francisco Xavier, Esposende, 1000\$00. 1991 — José Manuel S. Carvalho, Porto, 1000\$00; D. Maria Ribeiro Fern. Branco, Fão, 750\$00; José Morais Casanova, Braga, 1000\$00; Adalberto Oscar Pinto Campos Morais, Porto, 1000\$00. 1990/91/92 — Dr. Juvenal Silva, Esposende, 5000\$00. 1988/89/90 — Carlos Rodrigues Palma Rios, Fão, 2000\$00. 1987/88/89 — Dr.ª M.ª Rosa Portela, Esposende, 1500\$00. 1991 — Julieta Dias, Lda., Fão, 2000\$009; Prof. Mário Ramiro Ferreira, Porto, 1000\$00; Eng.º José Carlos Mariz D. Ferreira, Lisboa, 1000\$00; Dr. Fernando Mariz Dias Ferreira, Porto, 1000\$00; Dr.ª Maria Teresa Mariz Dias Ferreira, Aveiro, 1000\$00. 1992 — António Jerónimo Dias Peixoto, Fão, 750\$00; Crispiano Morgado Casais, Fão 750\$00. 1991 — Manuel Armando Cardoso Figueiredo, 750\$00. 1992 — Domingos Ferreira, França, 1500\$00. 1991 — Manuel Ramos Morgado, Fão, 1000\$00. 1992 — Manuel Armando Cardoso Figueiredo, Fão, 750\$00; José Ramos da Silva, Fão, 750\$00; Cândido Galfém Costa, Matosinhos, 750\$00.

ro foi Miguel Pedras, José Sena o sexto e João Ferreira o oitavo.

Em cadetes K2 João Filipe Santos e Pedro Silva foram os primeiros. Em infantis K1 João de Jesus foi quarto e Luís Coelho o quinto.

Em seniores K1 - 1000 metros Luís Faria foi o terceiro, Luís Sousa o quarto, Lázaro Penetra o sexto, Emílio Araújo o décimo, António Ferreira o décimo sexto no Controle Internacional realizado em Melres (Rio Douro) dos nove atletas que estiveram a representar a Associação de Canoagem de Braga, o que mais se salientou foi Luís de Sousa, conseguindo bons resultados em confronto com atletas de muita categoria e de várias nacionalidades.

Na selecção portuguesa não foi incluído Belmiro Penetra devido a ter sido submetido a uma intervenção cirúrgica há pouco tempo.

FALECIMENTOS

(Continuado da pág. 13)

em diversas associações da terra, nomeadamente nos Bombeiros cuja sirene se fez ouvir quando o féretro passava junto ao quartel.

Perto do cemitério um piquete da Guarda Fiscal apresentou armas em funeral. No momento em que o corpo baixava à terra ouviu-se uma salva de dois tiros.

★

O último fim de semana foi pródigo em mortes. Incorporada no féretro de António Lopes, seguiu a urna de Arminda Monteiro da Silva, que morava nas Pedreiras e que igualmente falecera no dia 6.

Era tia de José Maria Marinho.

A todos os familiares em luto «O Novo Fangueiro» apresenta sentidos pêsames.

AMIGOS DE «O NOVO FANGUEIRO»

O nosso jornal possui indefectíveis amigos. Amigos que sabem apreciar o seu valor, que o lêem e que o estimam. Ainda esta semana recebemos uma carta de um amigo cujo nome temos referenciado várias vezes. Trata-se de um próspero ourives da cidade do Porto que vive uma vida sempre afadigada. Basta dizer que todos os dias chega a casa entre as dez e meia, onze horas da noite.

No entanto está sempre em contacto com as pessoas das suas relações, morem elas no Porto, em Caldelas ou em Lisboa. E tem tempo ainda para ler o nosso jornal de ponta a ponta. Sua esposa, Florinda, é ainda maviosa poetisa (ver poema Carnaval neste número). Só tem um defeito: dedica-se pouco à arte de rimar. Equéciamos-nos de dizer que Fernando Almeida (é o amigo em questão) e sua esposa pertencem ao coral da Igreja dos Congregados, no Porto.

Pois na carta de Fernando de Almeida vinha um cheque para pagar a assinatura daquela conterrânea «brasileira» Cremilde que queria desistir da assinatura do nosso jornal por dificuldades em enviar dinheiro do Brasil.

São cartas destas que nos animam a prosseguir.

CANTINHO DO ADVOGADO

REALIZAÇÃO DE OBRAS EM IMÓVEL ARRENDADO

P. — O Sr. F. habita uma determinada casa, na qualidade de inquilino, há cerca de vinte anos. O estado desse imóvel, com o andar dos tempos, tem vindo a degradar-se. Perante esta situação, por diversas vezes solicitou ao senhorio que efectuasse as obras de conservação necessárias, ou até, estando ele, inquilino, na disposição de suportar o custo dessas obras, que o autorizasse a realizá-las. o proprietário da casa, no entanto, não só se recusa a fazer quaisquer obras, como também não autoriza o inquilino a efectuá-las.

R. — O estado de conservação dos prédios urbanos, principalmente quando destinados à habitação, assume uma importância social relevante, competindo, também, à Administração Pública, velar pela sua defesa. Daí que, sendo as Câmaras Municipais quem tem poder para autorizar que um determinado edifício seja destinado a habitação (por ter condições para tal, têm também o dever de, ao longo dos anos, tomar providências — não tanto por sua iniciativa, pois isso seria praticamente impossível, mas mais a pedido dos interessados — para que esses prédios se mantenham em bom estado de conservação, isto é, que continuem com condições para serem habitados.

Por isso, o primeiro passo que o Sr. F. (e qualquer outro inquilino nas mesmas condições) deverá dar, será solicitar à Câmara Municipal da sua residência a realização de uma vistoria à casa onde habita, vistoria esta para verificar se o prédio tem, ou não, boas condições de salubridade, solidez e segurança.

Realizada a vistoria, pelos serviços camarários, se o prédio, em determinados aspectos (por exemplo, telhado, paredes, janelas ou outros) carecer de reparações, pode (e deve) a Câmara Municipal impor ao senhorio a realização de obras de conservação, obras estas, no fundo, destinadas a dar ao prédio as características que este apresentava no momento em que (pela própria Câmara) foi concedida licença para habitação.

Se o senhorio, dentro do prazo que lhe foi dado, não efectuar as reparações ordenadas, permite a Lei que a própria Câmara, ou por sua iniciativa ou a pedido do inquilino, proceda, através dos seus serviços, à execução dessas obras.

Muitos são, no entanto, os casos em que as Câmaras, por diversos motivos, não efectuem essas obras de conservação.

Nesta eventualidade (e talvez seja este o ponto mais importante), poderá o próprio inquilino proceder à realização das obras que se mostrarem necessárias.

Assim, se a Câmara Municipal, dentro do prazo de 120 dias, a contar da data em que o inquilino pediu a execução das obras, não as iniciar, deverá este pedir à Câmara que elabore um orçamento do custo dessas obras.

Logo que esteja na posse desse orçamento (o qual será igualmente comunicado ao senhorio, pois representa o valor máximo pelo qual este é responsável), pode o inquilino, legitimamente, efectuar as obras.

Após a conclusão das obras e na hipótese de o senhorio se recusar a pagar o seu custo (que deverá respeitar o orçamento dado pela Câmara), o inquilino tem a faculdade de deduzir nas rendas, até ao limite de 70% do montante de cada uma, todas as despesas efectuadas, acrescidas dos respectivos juros, durante o tempo necessário para ser integralmente reembolsado.

Póvoa de Varzim, 92/03/08

JORGE CAIMOTO

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



O MARACUJÁ

(Continuado do número anterior)

4.2 — ESTABELECIMENTO DO VIVEIRO

Obtidas as sementes, que não devem ter mais de um ano, colocam-se quatro em cada um dos sacos de polietileno, que estão à venda para o efeito, onde previamente se terá colocado uma mistura, em partes iguais, de estrume bem curtido e terra fina, após o que se cobrem as sementes com cerca de 1 cm de idêntica terra fina, fazendo-se posteriormente a eliminação das plantinhas mais fracas.

O viveiro deve ser feito em Julho ou Agosto para que a plantação se venha a realizar no início da estação das chuvas.

Os cuidados culturais, nesta fase da cultura, limitam-se às frequentes regas e mondas e a pulverizações com um produto à base de cobre, dada a alta susceptibilidade destas plantas em face de ataques dos fungos causadores do «dumping off»; caso surjam algumas pragas, é conveniente fazerem-se pulverizações com um insecticida. Quando as plantinhas têm 15 a 20 cm de altura, o que ocorre 80 a 90 dias após a sementeira, estão em condições de serem plantadas no lugar definitivo.

Em vez da técnica citada pode usar-se uma outra mais complexa, mas que origina um viveiro de plantas mais homogêneas, que se reflectirá numa melhor cobertura do solo e numa maior produção.

As sementes, em grande número, são dispostas em canteiros bem preparados e adubados (seminários), em sulcos rasos,

espaçados de mais ou menos 5 cm, mas de forma a que não resulte uma superpopulação, devendo ser cobertas, em seguida, com cerca de 1 cm de terra fina.

A germinação inicia-se passados 15 a 20 dias, completando-se ao fim de 40, altura em que deve haver 70-95% de pegamentos.

Quando as plantinhas têm cerca de 5 cm de altura, o que corresponde à existência de 2 folhas verdadeiras, são transplantadas para os sacos de polietileno, nas condições atrás citadas; as plantinhas devem ser tiradas com o auxílio de uma espátula para que não surja qualquer ferimento, já que este poderá dar origem a uma infecção que causará o atrofiamento ou mesmo a sua morte.

4.3 — ESPAÇAMENTO

O espaçamento é função da condução da planta, devendo, contudo, desde que o terreno permita, considerar-se uma distância que facilite a execução mecânica de todas as técnicas culturais necessárias, como capinas, pulverizações, fertilizantes, etc.

Sugere-se, dentro da linha, o espaçamento entre os pés de 5,00 m e uma distância de 3,00 m entre as linhas; neste sistema haverá 600 plantas por hectare, que, em média, produzirão 5000 kg de fruta.

No Quênia chegou a usar-se o espaçamento de 6,00 x 3,00 m e 6,00 x 4,50 m, posteriormente substituído por 1,80 x 3,00 m em virtude de fortes ataques de fungos.

Tal facto induz a ideia de que na agricultura se deve partir de dados considerados médios e após subsequentes

estudos de campo adaptar tais dados à ecologia do meio.

Número de pés por hectare, em função do espaço adoptado:

Distância em metros	3	4	5	6
1,5	2000	1500	1200	1000
2,0	1500	1125	1000	750
2,5	1200	1000	720	600
3,0	1000	750	600	500
4,0	750	560	500	375

4.4 — SISTEMAS DE CONDUÇÃO

Há vários sistemas de condução em T: a latada e a espaldeira.

Quando se emprega a *condução em T*, as distâncias entre as extremidades das barras dos TT nunca deverão ser inferiores a 2,00 m, enquanto que os postes centrais devem ficar espaçados no mínimo de 3,00 m. Empregando-se barras horizontais com mais de 0,90 m deve aumentar-se o espaçamento entre as linhas dos postes, para sempre se manterem 2,10 m entre as extremidades da barra.

A *latada* caiu praticamente em desuso não só pelo seu elevado custo, como também por dificultar, e conseqüentemente encarecer, as técnicas culturais e os tratamentos fitossanitários da cultura.

A *espaldeira* é o sistema mais usado e o que melhor satisfaz às características desta planta. consiste numa série de postes verticais onde se apoiam um, dois ou três fios de arame a alturas diferentes.

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 708
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 6 000 000 000600una Reg. Com. Brev. n.º 1426

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 AM



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

ESCRITURA DE DOAÇÃO DA HABITAÇÃO NÚMERO 5 DO CONJUNTO HABITACIONAL DOS LÍRIOS, DESTINA-SE A SEDE DO CLUBE DE FUTEBOL DE FÃO

VALOR: 3.750.000\$00

Aos onze dias do mês de Novembro de mil novecentos e noventa e um, nesta vila de Esposende e Divisão Administrativa e Financeira da Câmara Municipal de Esposende, perante mim, Cândido Cardoso Capitão Miranda, chefe de secção a exercer as funções de seu Notário Privativo, por impedimento deste, compareceram como outorgantes:

Primeiro — Alberto Queiroga Figueiredo, casado, industrial, natural da freguesia de Apúlia, concelho de Esposende, onde reside na Rua Fonte da Senhora, número 4, outorgando nesta escritura na qualidade de Presidente da mesma Câmara, devidamente autorizado para este acto nos termos da legislação em vigor;

Segundo — Óscar Hernâni Gomes Viana, natural da vila de Fão, concelho de Esposende, e na mesma residente, outorgando nesta escritura em representação do Clube de Futebol de Fão, conforme poderes que lhe foram conferidos pela Direcção daquele Clube Desportivo para este efeito em reunião efectuada em 21 de Julho, cuja fotocópia da respectiva acta me foi exibida e arquivada no maço correspondente a este livro de notas.

Reconheço a identidade dos outorgantes por serem do meu conhecimento pessoal. Do meu conhecimento pessoal é igualmente a qualidade de de que se arroga o primeiro outorgante, assim como os poderes que legitimam a sua intervenção neste acto.

E pelo primeiro outorgante foi dito que a Câmara Municipal de Esposende, que neste acto representa, é dona e possuidora de uma habitação, construída no lote número 5 (cinco) do conjunto habitacional dos LÍrios da vila de Fão, deste concelho;

Que de harmonia com a deliberação do Executivo Municipal de 3 de Agosto de 1989, doa ao Clube de Futebol de Fão, representado pelo segundo outorgante, a habitação supra citada, destinada à instalação da sede do mesmo Clube, no valor de 3.750.000\$00 (três milhões setecentos e cinquenta mil escudos) como compensação pelo terreno cedido pelo aludido Clube para a realização do empreendimento do Conjunto Habitacional dos LÍrios, co a área de cerca 1.200 (mil e duzentos) metros quadrados, estando a mesma inscrita na matriz predial urbana de Fão sob o artigo número 1.479 e descrita na Conservatória do Registo Predial de Esposende sob o número 00137/120986, cujas confrontações são as seguintes: Norte e nascente, Câmara Municipal; Sul, Rua S. João de Deus; e poente, Maria Augusta da Silva Guimarães.

Pelo segundo outorgante foi dito que em nome do Clube de Futebol de Fão, que neste acto representa, aceita a presente doação nos termos exaados e de acordo com o teor da acta número 82 da Assembleia geral do mesmo Clube, realizada em 20 de Julho do corrente ano.

Assim o disseram o disseram e outorgaram e reciprocamente aceitaram.

Esta escritura foi lida aos outorgantes na presença simultânea de ambos, os quais, achando-a conforme, a ratificam e vão assinar.

Estás conforme o original arquivado nesta Câmara Municipal de Esposende 91/11/11.

O Juiz

Assinatura elígilvel

O Notário,

Cândido Cardoso Capitão Miranda

O CARNAVAL EM FÃO

Mais um Carnaval passou, mais um Carnaval nos envelheceu. Contra o que foi tradição durante dezenas de anos, não se realizou qualquer baile nos hotéis de Ofir. Sinal de declínio.

A honra da família foi salva pela *A Lareira* que comemorou o sábado e segunda com bailação. E se no primeiro dia sobrou uma ou outra mesa, na segunda houve que mandar embora gente.

Quanto aos célebres cortejos, já demos a nossa opinião. A F.L.R. (Frente de Libertação do Ramalhão) com o Barbosa e o Solinho a desdobrarem-se, mais uma vez disse presente. Saiu no domingo e saiu na terça-feira à noite. No primeiro dia apareceu sozinha com os tradicionais «reboques» e na noite de terça, com o pessoal dos Bombeiros. Fão encheu-se mais uma vez de gente que se concentrou sobretudo na Avenida dr. Manuel Pais. O curso teve muitos acompanhantes que já se vestem com certo cuidado.

Ao que nos foi dado ver, o tema central deste ano foi a entrega dos prémios escolares. Criticou-se o facto de a maior parte dos premiados serem filhos de doutores. É natural que isso aconteça na vida real. As famílias em casa puxam pelos seus. E os doutores

para essa função são os melhores posicionados.

Outros figurantes traziam pregados nas costas quadras alusivas a assuntos candentes de vida fangeira.

O mais bem sucedido foi o carro de domingo que abordava uma cena de voyeurismo. Atrás de umas ramadas um «voyeur» espreitava um par de namorados que de certeza não estava a rezar. Tentou-se enterrar a carapuça a alguém de Fão que padece da tara do «espreitanço». Só que não foi possível dizer quem era o fulano em causa uma vez que os espreitas (às vezes pessoas intocáveis) são mais que as formigas. Muitos apontaram o dedo mas... sabe-se lá.

O certo é que o famoso humor local não perdoa estas coisas.

FEDERAÇÃO DOS BOMBEIROS DO DISTRITO DE BRAGA

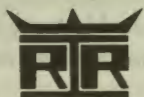
Nas eleições realizadas no plenário do dia 15 de Fevereiro foi eleito para Presidente da Direcção o nosso prezado amigo dr. Agostinho Pinto Ferreira.

CARNAVAL

*Outro Carnaval!...
Outro matagal
De fanfarronices
E tollices!...
E na enorme confusão,
De máscaras
E serpentinas,
Dás largas à ilusão
E não menos a fúrias
E desvarios, Carnaval!...
Mas, afinal,
Porque só nestes dias
Te exteriorizas
E simbolizas engano,
Se todo o ano
No quotidiano
A vida mascarada
É desfilada
Em permanente cortejo,
Tantas vezes malfazejo?!...*

*Contudo, Carnaval,
Em ti não está tudo mal
Acredita:
A tua infantilidade,
A tua ingenuidade
Mas gargalhadas frescas,
Pitorescas,
Hilariantes
E despreocupantes
Nas bocas das crianças
Diante do palhaço que faz rir,
Fazer o adulto sorrir...
Esquecer o mal...
E bem dizer-te, ó Carnaval!*

FLORINFA ALMEIDA



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 69 61 05 — 69 10 18 — 6 37 48 — FAX 667385
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Florinda Almeida
Jorge Caimoto

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 981475 - 982150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

TURISMO & C.^a

Por ANÍBAL SOARES

Não há nada como um bom fundo musical, uma linda paisagem sobre o Rio Cávado, alguns pinheiros de entremeio, preferencialmente depois de um bom almoço com óptima companhia para iniciar uma nova rúbrica no Jornal mais antigo da «nossa» terra.

Como deve ser feito de um único fôlego, que nos desculpem os mais pragmáticos por não dizer em primeiro lugar o que se entende por *Turismo*, para depois falar talvez apenas de banalidades.

As definições vão ficar para mais tarde, com opiniões filosóficas, políticas, económicas, tecnocráticas, financeiras, práticas e nossas, obviamente. Se começássemos desta forma, arriscar-nos-famos a que ninguém lesse mais nada sobre o assunto, o que seria uma frustração para o autor.

Falaremos então de quê?

Vejam os condicionamentos:

1.º — Só se pode contar com uma página A4, que corresponderá mais ou menos a 6 páginas manuscritas.

2.º — «Obrigaram-me quase» a assinar, o que implica isenção à prova de nós mesmos.

Em contrapartida obtivemos:

1.º — Ter lugar de contra-capas.

2.º — A faculdade de «isenção de horário de trabalho», ou seja, a de não escrever quando a inspiração faltasse.

Só por isto, vale a pena o leitor ir até ao fim, já que ninguém lhe garante, que a assinatura seja a mesma, nem quando os voltaremos a contactar.

3.º — Isenção de censura e que à partida quer dizer que se publica no todo ou nada feito, já que o patrão (o Director) é quem manda no jornal.

4.º — Liberdade absoluta sobre os temas a tratar, segundo a oportunidade ou qualquer outro critério julgado mais conveniente.

Acho que já chega de vantagens, quer para nós, quer para os leitores.

Falta agora dizer o que vos promete:

1.º Não interferência da política propriamente dita, muito menos da «chamada» local.

2.º — Cobrir preferencialmente os

temas do Concelho com relevância para a freguesia (Fão).

3.º — Os temas são tão vastos nesta região, e tão diferentes, que não faltará matéria prima.

Começando por aquilo que *Deus* nos deu, seguindo pelo que o *Homem* estragou e continuando com a vivência do dia a dia, confrontando-nos com o que nos oferecem, ou que pretendem que o consideremos como tal. É um nunca acabar de ideias, que só alguém sem as mesmas, ou «falta de tempo» para as transcrever, não as passa para o papel.

4.º — Concretamente não estranhem então, de aqui verem tratadas à mistura as entidades «responsáveis» pelo fenómeno turístico local (e porque não geral), ou «quase» o oposto, referimo-nos aos Restaurantes, Tasquinhas, Hotéis, Transportadores, Animação, Clubes, Associações, «eu sei lá...», o que nos vier à cabeça.

Os índices de audiência serão o nosso único barómetro.

Vamos ao que interessa:

Pegando mãos à obra, iniciamos o nosso primeiro «investimento» por mudar de residência de maneira a melhor nos generalizarmos, fugindo a um ambiente que não carecendo de espaço, talvez por isso mesmo nos influenciaria, o que não queríamos.

Vai daí, fomos parar, sempre dentro da freguesia, às bandas de lá, não tanto que nos privássemos da vista a que desde criança nos habituámos, mas o suficiente para compreendermos plenamente os fenómenos cuja intenção talvez não fosse tão vasta como se irá demonstrar.

1.º Tema: *O Novo Túnel.*

À parte do mini-túnel poder ter sido tecnicamente projectado por forma a não se ter claustrofobia quando se lá

passa por baixo, certo é que os resultados obtidos são de um alcance que talvez nem todos ainda verificaram.

Fão vai deixar de ter os ditos «complexos» em relação a Ofir.

Fão recuperou Ofir.

Ofir vai beneficiar com isso.

A obra até foi muito barata considerando o que conseguiu:

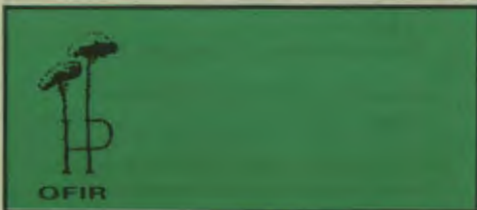
Transformar rapidamente *O Caminho da Rodas* numa *Avenida* que ainda não se sabe de quem, mas que graças a um «buraquinho» novo, permitiu a ligação directa dos *Fangueiros* ao Pinhal, à Praia, enfim ao que é deles, sem terem de atravessar a «placa» cujo acesso desde há muito deveria ter sentido único para baixo.

Obrigatoriamente que os «novos banhistas» que adquiriram bilhete de primeira nos comboios de luxo desta banda, ainda são beneficiados: adeus ó estrada nacional! — Fão e o Cávado através do tal buraco; futura *Avenida...* (só falta o nome) para atingir a praia, é motivo para se dizer que de uma só cajada a autarquia matou uma série de coelhos, «apesar» da *Paisagem Protegida*. Em troca desta reflexão, será que não poderiam promover a *Avenida António Veiga* dando-lhe de facto a honra de «possuir» um busto, talvez no início da própria artéria que, segundo os antigos, ele mesmo promoveu?

Pelo menos assim, para além de ser mais justo atendendo à sua importância, deixaria de confundir os «carteiros novos» e legalizaria outros, para além, de nós, que sempre lhe chamamos *Avenida da Praia*. E já agora, aqueles escassos metros, que «envergonhadamente» se denominam «Eng.º Sousa Martins, não têm qualquer razão de ser e ainda mais confunde as pessoas.

Um busto no início, outro no fim do velho acesso da Vila à Praia, ou, se houver falta de verbas, com tantas obras novas, caminhos, canteiros, bermas de passeios em granito maciço, pracetas luminosas, facilmente se encontrará locais ainda mais honrosos para lá pôr os nomes de António Veiga e Eng.º Sousa Martins e sobretudo não confundir o turista.

Eis, pois, o tema a que hoje apenas se fez uma pequena introdução.



O NOVO
FANGUEIRO
FÃO